



## Debate da apresentação de Lauro F. B. da Silveira<sup>1</sup>

Marcelo Carvalho Borba

Lauro Frederico Barbosa da Silveira

Irineu Bicudo

Romulo Campos Lins

**Marcelo:** Há duas questões que quero abordar. A primeira refere-se a haver ou não uma hierarquia na classificação das ciências dada por Peirce, e a segunda refere-se a você haver caracterizado a Matemática como a formalização que tem como função o ser possível. Você poderia elaborar estes dois temas?

**Lauro:** Veja, esta classificação tem uma hierarquia, ela tem um princípio de organização, ou seja, aí da ciência mais abstrata mais formal, às ciências aplicadas, mais próximas da empiria. A Matemática é a ciência eminentemente ideal, fornece a formalidade, a forma ideal, para todas as outras ciências; existe, então, uma hierarquia. Podemos falar que existem dois grandes atratores neste processo: a idealidade, na qual a Matemática tem uma posição eminente e única, e o real empírico, que é a manutenção de relações as mais concretas dos seres vivos. Para, falar do ser possível, é melhor usar o quadro [onde desenha o diagrama abaixo]. Esses são os três modos de ser para Peirce. Aquilo que efetivamente existe, Peirce chama de *thisness*, a "isto-é-idade". Se partirmos da existência, duas leituras abstratas são possíveis, e só por via de abstração podemos chegar a elas: se as coisas são, de que é que elas são realizações? São realizações de certas relações necessárias, existem certas regularidades, e, se existem estas regularidades, existe uma possibilidade, pois se elas são é porque elas podem ser. Existem, então, três modos de ser; a experiência evidentemente se inicia por aqui [existência] e se traduz, por via de abstração [para e entre os outros dois modos de ser, possibilidade e generalidade]. Toda ciência é marcada por uma generalidade; toda conceitualização é um processo de abstração. Neste aspecto, a Matemática é uma

---

<sup>1</sup> Digitalizado por Gustavo Barbosa e Paulo Roberto Vargas Neves.

ciência da generalidade, e, nesta medida, ela estabelece relações necessárias. Mas necessidade sobre que objeto? Meras relações ideais: relações matemáticas são relações de idealidade, e neste sentido ela estabelece um discurso, ela constrói sobre estas idealidades, de uma maneira dedutiva, ou, digamos assim, de uma maneira marcada por um discurso das necessidades. Por que sobre relações ideais? Exatamente porque o que ela vai considerar não é a resistência os objetos apresentam a uma inteligência que os investiga, mas a forma mesma pela qual ela vai poder representar as relações destes Objetos. E quais são as relações passíveis de representação? Como pode ser, ao ponto de vista de uma ciência, as relações entre os objetos? Se pela própria abstração matemática isto [a existência] fica um pouco colocada de escanteio, a Matemática vai ser um jogo aqui dentro [possibilidade e generalidade]. Ela hipostasia aqui [na generalidade] as construções que ela fez aqui [na possibilidade]; ela tira conclusões necessárias de objetos que são meras possibilidades. Há, podemos dizer, uma espécie de exclusão do domínio do outro, o que remete a Matemática a apenas duas operações: criar um campo observacional e tirar conclusões. No caso de uma ciência como a Filosofia, este existente começa a contar, ao menos como um existente possível, [...] e o campo das conclusões legítimas, que seriam legítimas em termos de uma mera dedução matemática, fica restringido àquilo que é efetivamente experimentado.

**Irineu:** E aí se introduz a condição da veracidade.

**Lauro:** Certo; aqui [no possível] não se coloca o problema da veracidade...

**Irineu:** No máximo o da consistência.

**Lauro:** O controle, o criticismo matemático vai ser aplicado ao problema da consistência; existem, efetivamente, operações inconsistentes, às quais a Matemática deve estar atenta, mas o único processo de correção é dela mesma, porque nada se impõe de fora a ela, e isso, no fazer matemático, supõe um alto grau de abstração. Mas, no pensamento de Peirce, todo pensamento é pensamento abstrativo, e irreduzivelmente abstrativo [...] e nisso Peirce é radicalmente não dialético. Há, então, as críticas do Peirce à dialética hegeliana.

**Romulo:** Peirce rejeita que tenhamos algum acesso aos “dados puros”, e também diz que tudo que conhecemos conhecemos como “alguma coisa” [o que implica uma

nomeação]. Uma questão central desse ciclo temático é exatamente se temos uma “representação”; me parece, então, que a Matemática, tanto quanto a existência [em Peirce] colocam-se num mesmo plano, embora representam, talvez, formas, modos diferentes de organizar esse plano.

**Lauro:** E, o que é que se abstrai de fato? Qual o grau e a estratégia de abstração que se vai proceder diante da experimentação? Para Peirce, a possibilidade de uma dúvida metódica como em Descartes é, como ele diz, tão fácil quanto mentir. Não há a condição da tábula rasa; como os corpos estão em movimento, nós estamos em pensamento. Não há quem inicie este processo de pensamento, o que seria de fato um fato no geral, mas o geral não se inicia num fato... Não há um fato que inicie o pensamento, nem um fato que o termine, até porque o pensamento se encerraria para sempre, e nem memória dele haveria; por isso que Peirce vai dizer que todo pensamento é semiótico, todo pensamento é um processo de mediação. E neste sentido, é pensamento da representação e não representação do pensamento, isto é, é mediante o signo que se vai pensar, experimentar o pensamento e, para nós, pensar é experimentar o processo de pensamento – para se ter como objeto a mera possibilidade, e não todo esse intrincado que é esse experimento de se estar pensando, inclusive de se estar pensando Matemática, só pode fazer por via de abstração. Vou ter que considerar a situação concreta, abstrair dela aquelas condições que não são constitutivas de seu objeto, e tomar este objeto em consideração; neste sentido a Matemática funciona como Matemática pura, e a abstração que leva à pureza é uma abstração que Peirce admite, sim, tanto quanto Kant admite. A diferença face a Kant é que para Peirce não existe uma intuição puntual... não é uma composição de atos instantâneos que vai gerar o objeto da Matemática: é dum construção complexa que eu procedo à abstração.

**Romulo:** Então podemos dizer que para Peirce o processo de construir a Matemática dependa de uma intenção e seria uma estratégia para compreender este complexo, mas não que estes objetos da Matemática, ou a Matemática, existisse fora da existência deste complexo.

**Lauro:** Exatamente. O objeto da Matemática não é o existente; eles existem para nós porque nós experimentamos o que nós pensamos. Neste sentido o objeto matemático existe, existe no fazer matemático.

**Romulo:** E essa existência da qual falamos é, para Peirce, definitivamente semiótica...

**Lauro:** Sem dúvida. Não é imediata. Nada é imediato para Peirce; existência é um modo de aparecer, e é racional. Mas o homem não tem nenhuma prerrogativa desta racionalidade, já que tudo que é cósmico é racional, e neste sentido Peirce é bastante espinosista. Há pesquisa, por exemplo, em fitossemiótica. É por isto que quando estou trabalhando a ciência do que é possível, a ciência do que pode ser em geral, tenho que construir uma ciência - que evidentemente é uma ciência num quadro conceitual nosso - mas que não se restrinja ao que é especial do Homem. Esta é a grande diferença entre a semiótica peirciana e a semiótica saussuriano, a semiótica de tradição francesa, que parte da lingüística, de um tipo de signo especial, que é o signo verbal. O trabalho de Peirce é tentar abstrair aquilo que seria a caracterização de uma inteligência, ou seja, capaz de aprender com base na experiência, o que certamente não é exclusivo do ser humano, e isto acaba se projetando no Cosmos; ou você faz uma espécie de curto-circuito apriorístico, tipo kantiano, ou mesmo hegeliano, ou você projeta no Cosmos, necessariamente, ou fica num empirismo, negando um fundamento objetivo ao conhecimento.